

TRATAMENTO PARA SÍFILIS CONGÊNITA NO RIO GRANDE DO NORTE: ANÁLISE DE 2008 A 2018

Dhyanine Morais de Lima Raimundo*,
Janmilli da Costa Dantas, Yago Tavares Pinheiro,
Richardson Augusto Rosendo da Silva,
Ana Elza Oliveira de Mendonça

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal,
RN, Brasil

Introdução/Objetivo: A incidência de sífilis congênita no Brasil vem mantendo a tendência de crescimento desde 2016, apesar dos esforços realizados pelos gestores e profissionais de saúde. Dentre as explicações para esse aumento contínuo destaca-se a ausência de tratamento ou oferta inadequada. Logo, torna-se fundamental analisar os tratamentos disponibilizados nos serviços da rede pública de saúde as crianças com sífilis. O objetivo é analisar o tratamento farmacológico das crianças com sífilis congênicas entre 2008 e 2018 no Rio Grande do Norte, Brasil.

Metodologia: Estudo ecológico, com dados secundários das crianças diagnosticadas e notificadas com sífilis congênita, entre 01 de janeiro de 2008 e 31 de dezembro de 2018. Para análise foram calculadas as frequências absolutas e relativas, após importação dos dados para o programa Microsoft Excel. Estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, parecer no 3.775.828.

Resultados: Foram notificados 3.550 casos de sífilis congênita, onde 2.272 (64%) crianças receberam tratamento com Benzilpenicilina cristalina, entre 100.000 e 150.000 UI/kg/dose, por 10 dias. Enquanto isso, 750 (21%) receberam tratamento com outro antibiótico, 170 (5%) foram tratadas com Penicilina G Benzatina 50.000 UI/kg/dia/10 dias e 33 (1%) com dose única. Os tratamentos não realizados e ignorados totalizaram 325 (9%).

Discussão: Segundo o Protocolo Clínico de Diretrizes Terapêuticas (2022), o tratamento da sífilis congênita deve ser com Benzilpenicilina procaína a 50.000 UI/kg, IM, uma vez ao dia, por 10 dias ou Benzilpenicilina potássica (cristalina) 50.000 UI/kg, IV, de 12/12h (crianças com menos de 1 semana de vida) e de 8/8h (crianças com mais de 1 semana de vida), por 10 dias. Contudo, durante o período pesquisado, os dados revelaram que apesar da oferta gratuita na rede pública de saúde, identificou-se casos de tratamento inadequado e ou não ofertado. Este achado sugere despreparo dos profissionais de saúde para atender a população, seguindo as recomendações estabelecidas pelo protocolo do Ministério da Saúde.

Conclusão: No período analisado, identificou-se que o tratamento farmacológico da sífilis congênita no estado do Rio Grande do Norte foi ofertado de forma inadequada para as crianças diagnosticadas e notificadas. Isso revela a necessidade urgente de investimento em capacitação dos profissionais e sensibilização das gestantes para importância da prevenção e tratamento precoce da

Palavras-chave: Sífilis Sífilis Congênita Tratamento Notificação Saúde coletiva

VISITA MULTIDISCIPLINAR DO PROGRAMA DE STEWARDSHIP DE ANTIMICROBIANOS COMO ESTRATÉGIA PARA OTIMIZAÇÃO DO USO DE ANTIMICROBIANOS NAS UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA DE HOSPITAL PRIVADO DE CORPO CLÍNICO ABERTO

Odeli Nicole Encinas Sejas*, Thais Lopes Santos,
Leonardo Barbosa Rodrigues, Raquel Keiko De Luca Ito,
Cristiane Masselli Rodrigues, Celso Madeira Padovesi,
Antonio Paulo Ramos Martins Filho,
Camila Silva Bicalho, Marcos Soares Tavares,
Fabiana Silva Vasques, Karina de Bonis Thomaz,
Edson Abdala

Hospital Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil

Introdução/Objetivo: O uso inadequado de antimicrobianos (ATM) contribui para a resistência antimicrobiana. O Programa de Stewardship do Uso de Antimicrobianos (ASP) busca promover um uso adequado, especialmente em Unidades de Terapia Intensiva (UTI). Nosso objetivo é aferir o uso de ATM na UTI pós-implementação do ASP e explorar o impacto da visita multidisciplinar sistemática pelo ASP em hospital privado terciário com corpo clínico aberto.

Métodos: Estudo quasi-experimental, do tipo antes e depois, realizado nas UTI de Hospital privado terciário de grande porte em São Paulo, com 105 leitos de UTI, envolvendo pacientes adultos em uso de ATM. Comparados os períodos pré-intervenção (pré-i;2020/2021) e pós-intervenção (pós-i;2022/1º semestre2023). A intervenção consistiu na participação do ASP nas visitas multidisciplinares de forma sistemática, pelo menos 1 vez por semana em todas as UTI, com discussões com a equipe, intervenções e posicionamento do grupo referente aos antimicrobianos. Adicionalmente, mantido acompanhamento contínuo por infectologista e farmacêutico clínico, com intervenções in loco quando necessário. Avaliados os seguintes desfechos: dose diária definida global (todos ATM juntos) (DDD)/1000 pacientes-dia; dias de terapia global (DOT)/1000 pacientes-dia; taxa de adesão às intervenções médicas e farmacêuticas; mortalidade por saídas. Dados de consumo obtidos através de software da unidade de estudo, e de intervenções por instrumento de coleta do pesquisador.

Resultados: Foram realizadas 196 intervenções médicas com 71% de adesão em 2022, e 316 com 77% de adesão no 1º semestre/2023; 366 intervenções farmacêuticas com 70% de adesão em 2022, e 127 com adesão de 89% no 1º semestre/2023. O DOT global médio mensal no pós-i foi de 1284,7(2022) e 1169(1º semestre/2023), com redução de 17,8% quando comparado com o período pré-i - 1513(2020) e 1473(2021). Nas duas UTI priorizadas e com visita multidisciplinar do ASP mais consolidada, a redução foi mais evidente (24,85%), DOT 1651(pré-i), 1241(pós-i). O DDD global médio mensal foi de 1778,3(2022) e 1677,1(1º semestre/2023) com redução de 19% quando comparado com o período pré-i - 2136,4(2020) e 2125,3(2021). Quanto à mortalidade, foi de 6,2% no pré-i, e 4,0% no pós-i, redução de 36%.

Conclusão: Os resultados obtidos demonstram que a intervenção do ASP nas UTI foi uma estratégia eficiente e segura

para a otimização do uso de ATM em pacientes submetidos a cuidados de terapia intensiva.

Palavras-chave: Gestão de antimicrobianos Unidade de terapia intensiva Antimicrobial Stewardship Visita Multidisciplinar Antimicrobianos

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102884>

COVID-19

ANÁLISE DO ESQUEMA VACINAL EM PACIENTES INFECTADOS COM A LINHAGEM XBB NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Bruna Candia Piccoli^{a,*}, Luíza Funck Tessele^a, Bruna Campestrini Casarin^a, Thais Regina y Castro^a, Ana Paula Seerig^b, Andressa de Almeida Vieira^a, Alexandre Vargas Schwarzbald^a, Vitor Telles Santos^a, Priscila de Arruda Trindade^a

^a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil;

^b Vigilância em Saúde, Secretaria Municipal da Saúde de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

Introdução: A linhagem recombinante XBB, em circulação no Brasil, evade a imunidade mediada por anticorpos adquiridos pela vacinação ou infecções prévias por SARS-CoV-2 devido a múltiplas mutações no gene S. Indivíduos com esquema vacinal completo permanecem protegidos contra a forma grave, hospitalização e morte por COVID-19. No entanto, aqueles com doses insuficientes ou passados mais de seis meses podem ter proteção reduzida contra o vírus.

Objetivo: Realizar a genotipagem de amostras positivas para SARS-CoV-2 e investigar o esquema vacinal de indivíduos infectados com a linhagem XBB na região central do RS, Brasil.

Métodos: Foram sequenciadas amostras positivas para SARS-CoV-2 de laboratórios públicos e privados da 4ª Coordenadoria Regional de Saúde do RS, das semanas epidemiológicas 47/2022 a 17/2023. As tecnologias MinION ou Illumina iSeq 100 foram empregadas para realizar o sequenciamento no LABIOMIC. Utilizou-se o protocolo de bioinformática ARTIC nCoV-2019 ou Dragen COVID para montar as sequências consenso. Os clados e linhagens foram determinados pelo Nextclade e Pangolin, respectivamente. Os dados epidemiológicos e clínicos dos pacientes infectados com a variante XBB foram obtidos do DATASUS, e-SUS e SIVEP GRIPE.

Resultados e discussão: Das 340 amostras sequenciadas, 89 foram identificadas como XBB ou suas sublinhagens. Em relação à faixa etária, 41,6% com 40-59 anos; 33,7% com +60 anos e se recuperaram da infecção por XBB (97,7%). Apenas três pacientes foram hospitalizados (dois na UTI e um na enfermaria), resultando em dois óbitos. Ambos os pacientes tinham idade ≥ 80 anos, sendo um com esquema vacinal incompleto. Em relação ao esquema vacinal, 41,6% dos indivíduos receberam duas doses da vacina e um reforço, enquanto 27% receberam dois reforços. No entanto, 55% dos indivíduos receberam sua última dose há mais de um ano. Cinco indivíduos não foram vacinados. A capacidade de

neutralização da dose de reforço (Pfizer-BioNTech BNT162b2) é 66 vezes menos eficaz contra a cepa XBB.1.5 em comparação com a cepa WA.1.

Conclusão: A maioria dos pacientes infectados com XBB se recuperou, porém, receberam sua última dose de vacina ou reforço há mais de um ano, indicando possível declínio ou ausência de anticorpos contra o vírus. Portanto, é importante enfatizar a importância de completar o esquema vacinal.

Palavras-chave: Vacinação Variante recombinante COVID-19

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102885>

ANÁLISE DO MICROBIOMA ORAL EM PACIENTES COM COVID-19

Joyce Vanessa da Silva Fonseca^{a,*}, Nazareno Scaccia^a, Pablo Andres Munoz Torres^a, Lucas Augusto Moyses Franco^a, Cesar Augusto Migliorati^b, Bernal Stewart^{c,d}, Rodrigo Melim Zerbinati^e, Paulo Henrique Braz Da Silva^e, Ester Cerdeira Sabino^a, Silvia Figueiredo Costa^f

^a Departamento de Doenças Infeciosas e Parasitárias, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo, SP, Brasil;

^b Department of Oral & Maxillofacial Diagnostic Sciences, University of Florida, Gainesville, Estados Unidos;

^c Latin American Oral Health Association (LAOHA), São Paulo, SP, Brasil;

^d Colgate Palmolive Company, Global Technology Center, Piscataway, Estados Unidos;

^e Laboratório de Virologia, Instituto de Medicina Tropical, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo, SP, Brasil;

^f Divisão de Doenças Infeciosas e Parasitárias, Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A cavidade oral é um importante local de entrada e multiplicação de vírus respiratórios, o sistema imune e o microbioma oral atuam como barreiras antivirais. As alterações no microbioma oral podem acarretar doenças bucais, desta forma, foi realizado um estudo de coorte prospectiva, conduzido no Hospital das clínicas da FMUSP, com o objetivo de avaliar a prevalência de manifestações orais associadas à COVID-19 e o impacto do microbioma oral na gravidade da doença.

Métodos: As amostras orais foram coletadas de pacientes positivos para SARS-CoV-2. Após a extração das amostras de saliva, foi realizado o sequenciamento do gene 16S rRNA, na plataforma Ion Torrent PGM (Life Technologies, USA). E as análises de diversidade alfa e beta foram conduzidas utilizando o programa R. Dados clínicos foram coletados do prontuário eletrônico. O modelo de regressão logística múltipla fora construído para avaliar a associação entre a diversidade da microbiota e os desfechos de gravidade.

Resultados: O estudo incluiu 125 pacientes, e após análise, 115 amostras foram incluídas. A maioria dos pacientes era do sexo feminino (54,8%), a idade média foi de 55,4 anos. Cerca